

Autorização concedida a Biblioteca Central da Universidade de Brasília pelo editor da Verbena Editora, em 03 de dezembro de 2020, para disponibilizar, gratuitamente, o livro Proeja-Transiarte: construindo novos sentidos para a educação de jovens e adultos trabalhadores para fins acadêmicos e não comerciais (leitura, impressão e/ou download) a partir desta data. A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

#### REFERÊNCIA

CASTIONI, Remi; SÁ, Mara Franco de. A construção do PROEJA-Transiarte: uma leitura a partir dos seus registros. In: TELES, Lucio; CASTIONI, Remi; REIS, Renato Hilário dos (org.). **PROEJA-Transiarte: construindo novos sentidos para a educação de jovens e adultos trabalhadores**. Brasília: Verbena Editora, 2012. p. 33-52. Disponível em: <http://www.forumeja.org.br/df/node/2932>. Acesso em: 18 dez. 2020.

# PROEJA-Transarte

Construindo Novos Sentidos para a Educação  
de Jovens e Adultos Trabalhadores

Autores: Aline Zim, Amanda Ayres, Danielle Estrela, Dorisdei V. Rodrigues, Fausta Couto Porto, Francinete Pires de Souza Oliveira, Julieta Borges Lemes, Manoel Jevan, Mara Franco de Sá, Maria Luiza Pereira Angelim, Michelangelo H. Bezerra Lima, Meire Cunha, Rita Carolina Vereza Bruzzi e Tatiana Rossela.  
Organizadores: Lucio Teles, Remi Castioni e Renato Hilário dos Reis



VERBENA  
EDITORA



# PROEJA-Transiarte

Construindo Novos Sentidos para a Educação  
de Jovens e Adultos Trabalhadores



# PROEJA-Transiarte

Construindo Novos Sentidos para a Educação  
de Jovens e Adultos Trabalhadores

---

VERBENA  
EDITORA

---

Brasília, 2012

Copyright © 2011 by Lucio Teles, Remi Castioni, Renato Hilário et all.

Todos os direitos reservados aos autores. Direitos desta edição reservados a Verbena Editora. Este livro pode ser armazenado em dispositivos particulares de armazenagem eletrônica, reproduzido por meio eletrônico e impresso para uso pessoal. Exemplar não comercializável. Os textos podem ser utilizados, em parte ou completamente, para fins didáticos e/ou de pesquisa desde que citada a fonte.

Revisão: Fabiano Cardoso

Capa: Dorisdei Rodrigues/Figuramundo

Projeto Gráfico e Diagramação: Figuramundo

## VERBENA EDITORA

### Editores:

Benicio Schmidt

Arno Vogel

### Editores Associados:

Ana Maria Costa

Antonio E. Guerreiro de Faria Jr.

Maurício Dias David

### Conselho Editorial:

Santiago Alvarez (Argentina)

Eleonora Menicucci

Luiz Carlos de Lima Silveira

Ivan Quagio

Mary Allegretti

Lia Zanotta Machado

Tarso Mazzotti

Marco da Silva Melo

Lacir Jorge Soares

Geniberto Paiva Campos

Hermes Zaneti

Paulo Amarante

Abílio Baeta Neves

Ivanisa Teitelroit Martins

### Direção Executiva:

Cassio L. Werneck

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Maria Solange de Oliveira Pereira Fierro – CRB: 3217/8ª

---

P964 Proeja-transiarte: construindo novos sentidos para a educação de jovens e adultos trabalhadores. / Renato

Hilário, Remi Castioni, Lucio Teles, organizadores. -- Brasília: Verbena, 2012.

228p.

ISBN 978-85-8003-011-2

1. Educação 2. Educação de jovens e adultos 3. Proeja 4. EJA 5. Ceilândia 6. Transiarte 7. Brasília 8. Brasil I. Hilário, Renato (org.) II. Castioni, Remi (org.) III. Teles, Lucio(org.) VI. Título

CDD 370

---

Direitos desta edição reservados para VERBENA EDITORA LTDA  
SRTV/Norte – Qd. 701 – Sala 3030 – CEP 70.719-900  
www.verbenaeditora.com.br

VERBENA  
EDITORA

## CAPÍTULO 2

### A Construção do Proeja-Transiarte: Uma Leitura a Partir dos seus Registros

Remi Castioni  
Mara Franco de Sá

O presente texto foi elaborado mediante a leitura e análise dos registros das reuniões do Projeto PROEJA-Transiarte/UnB realizadas no período de 2007 a 2010, além do artigo *EJA e educação profissional no Distrito Federal: integrando escolas e construindo a política pública* elaborado pelos educadores e membros do projeto, Remi Castioni e Renato Hilário dos Reis, em 2009. Complementamos ainda a análise com extratos de entrevistas, adotados como fonte secundária, apresentados pela pesquisadora Fausta Porto Couto em sua pesquisa de dissertação.

Para análise dos dados foi realizada, inicialmente, uma leitura prévia dos registros das reuniões de onde obtivemos algumas categorias de análise: formação, transiarte, pesquisa-ação, construção coletiva, institucionalização, educador, educando, EJA, educação profissional, integração curricular, *ciberarte*, PROEJA, PROEJA-Transiarte. Desafios que nos possibilitaram a compreensão dos seguintes aspectos: o processo de formação do subprojeto, onde destacamos o cenário encontrado pela equipe e a construção teórico-metodológica adotada. Posteriormente, a construção do subprojeto, enfatizando os itens referentes à dinâmica do processo de elaboração das atividades com os educados, as dificuldades enfrentadas e, por fim, a produção dos educandos da Educação de Jovens e Adultos, os trabalhos realizados pelos mestrandos e educadores do Programa de Pós-graduação da FE/UnB que participaram do subprojeto.

A análise dos dados foi realizada mediante o uso do *software* Nvivo 8 – *software* para análise qualitativa de dados – que permite a categorização e armazenamento de textos por categorias específicas. Optamos realizar a análise do material em unidades de texto, ou seja, da fragmentação construída mediante a divisão do texto a partir da fala dos participantes do projeto.

O Nvivo 8 contribuiu por reunir diversos dados comuns presentes em todo o registro das reuniões, auxiliando no processo de categorização, na releitura dos recortes realizados e, conseqüentemente, na elaboração da síntese do material.

#### 1. O processo de formação do subprojeto PROEJA-Transiarte

O subprojeto PROEJA-Transiarte foi gestado no ano de 2007 por educadores e educandos da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB), a partir de uma demanda de articulação entre a Educação de Jovens e Adultos, doravante EJA, e da Educação Profissional, doravante EP. A proposta foi a de buscar uma integração em duas escolas na



Região Administrativa de Ceilândia/DF – Centro de Ensino Médio 03 (CEM 03) e o então Centro de Educação Profissional (CEP), atualmente ETC – Escola Técnica de Ceilândia – pertencentes inicialmente à SEDF – Secretaria de Estado de Educação e que posteriormente passaram a compor distintas secretarias de estado: Secretaria de Educação e Secretaria de Ciência e Tecnologia, respectivamente, mas que novamente, em meados de 2010, voltaram a ficar subordinadas à SEDF.

Embora o Transiarte tenha iniciado em 2007, o debate que lhe deu origem é anterior. Em 2006, educadores de três áreas de concentração do Programa de Pós-graduação em Educação – Educação e Comunicação, Políticas Públicas e Gestão da Educação e Escola, Aprendizagem e Trabalho Pedagógico – da Universidade de Brasília, além do Departamento de Métodos e Técnicas – MTC – em conjunto com os educadores da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Católica de Goiás decidiram participar conjuntamente na investigação sobre a articulação entre a EJA e EP a partir do financiamento do Programa de Apoio ao Ensino e à Pesquisa Científica e Tecnológica em Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – EDITAL PROEJA-CAPES/SETEC nº 03/2006. Os desdobramentos desse trabalho no DF deram condições para o nascimento do Projeto Transiarte, tendo a UnB assumido o subprojeto 3: Transiarte, Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional.

Nosso desafio foi responder a este projeto, estimulados pelo MEC/Capes e pela Secretaria de Tecnologia. O PROEJA liga EJA com Educação Profissional (EP) em uma missão inovadora. Trabalhamos com uma estrutura complexa e pesada, até porque os educandos sofrem uma dupla seleção de ingresso: na escola e na sociedade. Está ocorrendo uma expansão do ensino técnico e, em geral, pessoas de classes menos favorecidas não estão nos CEFETs ou IFETs. O Projeto é uma forma de outros públicos acessarem a educação profissional. Há um modelo de EP. Há a Escola Técnica de Taguatinga. Pretendemos aproximar o mundo dos jovens e adultos que estão em EJA do mundo de EP (Castioni, 2009)<sup>4</sup>.

O subprojeto PROEJA-Transiarte é uma proposta de construção coletiva que visa integrar arte e profissionalização mediante a inclusão digital. Nesse sentido, a perspectiva do projeto é promover o desenvolvimento dos conteúdos e temáticas de forma interdisciplinar, em que ocorra uma valorização da identidade cultural dos sujeitos envolvidos.

O projeto idealizado pela Faculdade de Educação, denominado de PROEJA-Transiarte teve como locus de atuação a região Administrativa de Ceilândia, sendo o trabalho desenvolvido nas duas unidades escolares já citadas, o CEM 03 e o CEP/ETC, e trouxe para o debate os educadores, educandos e gestores além dos representantes das secretarias de estado envolvidas. O ingresso desses atores foi gradual à medida que o processo de implementação do projeto foi acontecendo. Por outro lado, também foi oscilante, considerando que o quadro de gestores, educadores e educandos dessas escolas foi se modificando ao

---

4. Todas as citações colocadas neste texto foram retiradas dos registros produzidos nos encontros do grupo Transiarte, entre os anos de 2007 e 2010 e das produções acadêmicas dos participantes do projeto de pesquisa.

longo dos anos, por razões diversas, que incluem a própria dinâmica das secretarias envolvidas e da própria ação da EJA no DF.

O processo de institucionalização do projeto representou uma etapa de constantes oscilações decorrentes das decisões políticas no âmbito do GDF (Governo do Distrito Federal) e pode ser compreendido em dois momentos distintos. Primeiramente, a apresentação da proposta de articulação da EJA com a Educação profissional à Secretaria de Educação, que ocorreu em um período em que o governo criava, no início do governo da coligação do PFL/DEM, em 2007, gerências que concorriam com ações da própria SEDF como as encarregadas para a alfabetização (Projeto ABCDF) e para a educação profissional (escolas técnicas) e que tinham propósitos muito distintos dos pensados pelo PROEJA e, em particular, pela ação empreendida pelo projeto apresentado pela UnB.

As ações voltadas para EJA apresentavam uma visão limitada sobre as demandas dessa modalidade de ensino ao restringir as metas da EJA: a alfabetização de jovens e adultos. Já na EP as iniciativas não sinalizam o fortalecimento das esferas públicas de ensino no DF, pois a gerência responsável optou pela concessão de bolsas de capacitação profissional – adquiridas mediante compra de vagas nas instituições do Sistema S – para 1.365 educados do ensino médio das escolas públicas do Distrito Federal.

As ações desenvolvidas pelas duas gerências de ensino demonstram que, no processo de institucionalização do projeto, os pesquisadores tiveram algumas dificuldades em razão tanto das concepções educativas presentes naquele momento quanto das opções políticas que não privilegiaram a esfera pública de ensino. Segundo Castioni & Reis (2009):

Nesse particular trazemos de novo a nossa reflexão à questão da construção da “agenda” e à inclusão do “problema” como espaço de construção da política pública. A opção do governo Arruda foi em outra direção. Em vez de construir uma ação amparada na estrutura da educação, o governo optou por uma transferência de ações para outros atores, transferindo recursos para tal. O governo Arruda, ao promover a “compra” de vagas no Sistema-S, dava as condições para esse se manter, uma vez que os cursos seriam absorvidos em horários onde havia baixa demanda no sistema. Seguramente compromissos da recém concluída campanha eleitoral estavam presentes e, em vez de se aprofundar o conhecimento das atuais estruturas de oferta de educação no Distrito Federal, partiu-se para o mais simples.

No ano de 2007 ocorreu mais um entrave na institucionalização do projeto com a transferência da EP para a Secretaria de Ciência e Tecnologia, que ocasionou a suspensão do diálogo entre as instituições envolvidas, além de limitar a atuação do Projeto às oficinas do Transiarte no CEM 03 diante da impossibilidade de desenvolvimento da pesquisa no CEP/ETC de Ceilândia, que, com a transferência, obteve nova denominação: Escola Técnica de Ceilândia (ETC).

O retorno das atividades do subprojeto PROEJA-Transiarte ao CEP/ETC só ocorreu no final de 2008 e foi fortalecida com a Lei nº 11.741, de 16/07/2008, ao preconizar que a EJA deve articular-se, preferencialmente, com a EP. Nesse movimento, uma nova instituição vai se

agregando ao projeto, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB), que nasce a partir da retomada do Colégio Agrícola de Planaltina, criado em 1959 pelo Governo Federal, e que por mais de 30 anos permaneceu mediante convênio com o GDF. O IFB inaugura uma nova etapa na educação profissional no DF, até então, juntamente com o Acre, os únicos estados a não terem uma escola técnica federal. Naquele momento, a única referência que o projeto do Centro-Oeste tinha em relação à construção do PROEJA era a partir dos relatos dos pesquisadores de Goiás e da equipe do então Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás (CEFET-GO), também transformado, em 2008, em Instituto Federal (Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008), que também era parte da pesquisa patrocinada pela Capes.

O PROEJA-Transiarte, desde o início, admitiu como concepção, a ideia da ampliação do papel da EJA por compreender que esta não se limita à alfabetização e que os educandos e educandas dessa modalidade de ensino compõem uma representativa demanda da educação profissional. Isto se constitui em um elemento importante para a implantação do projeto.

Por fim, podemos apontar também como entrave para o desenvolvimento da pesquisa a intervenção realizada pela Diretoria Regional de Ensino de Ceilândia na direção do CEM 03, no início de 2009, afastando a direção eleita da escola. O processo interventor ocorreu com o afastamento da equipe gestora. Concluído o período de afastamento, a gestão do CEM 03 foi exonerada, o que gerou a necessidade de nova aproximação da equipe da UnB com a nova direção nomeada para garantir a continuidade do projeto, uma vez que a direção anterior havia garantido a inclusão do Projeto PROEJA-Transiarte no PPP (Projeto Político Pedagógico da Escola).

Mesmo diante de tantos impasses, o final do ano de 2009 representa um momento importante para a continuidade da pesquisa com a assinatura do Acordo de Cooperação Técnica, durante o Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica entre as instituições envolvidas: Secretaria de Estado de Educação, Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia, Universidade de Brasília e o Instituto Federal de Brasília. No entanto, ainda neste ano o projeto de pesquisa vivenciou mais um período de instabilidade resultante da nova reorganização política ocorrida após a renúncia do governo Arruda gerada por denúncias de corrupção em seu governo a partir da operação da Polícia Federal denominada Caixa de Pandora. As dificuldades enfrentadas para a institucionalização do PROEJA-Transiarte se expressam na seguinte fala: “Tem havido uma ciranda de mudanças, gastamos tempo de negociações para continuar a pesquisa” (Angelim, 2010)<sup>5</sup>.

É importante considerar que, mesmo diante das dificuldades enfrentadas, o PROEJA-Transiarte esforçou-se em agregar nesse projeto os educandos da pós-graduação que tiveram uma participação ativa e destacada, conforme as determinações do edital anteriormente citado. Essa articulação procurou envolver e dar voz a atores sociais diferentes, que representassem distintos espaços sociais. Deu ao Transiarte uma composição complexa e

---

5. Educadora da FE/UnB e integrante do grupo de educadores da FE na pesquisa.

variada a começar pelas trajetórias distintas dos pesquisadores e abordagens metodológicas também eram variadas. A pesquisa-ação inicia-se com: Lúcio França Teles, Renato Hilário dos Reis, Remi Castioni, Maria Luíza Pereira Angelim, Rita Carolina Vereza Bruzzi, Pedro Filho, Adriane Fritz, Dorisdei Valente Rodrigues, Aline Stefania Zim, Fausta Porto Couto, João Felipe de Sousa. Depois agregaram-se Julieta Borges Lemos além, é claro, dos educadores, educandos e gestores do CEM 03 e o CEP/ETC.

No ano de 2009, o Subprojeto PROEJA-Transiarte passou a oferecer nas duas escolas cursos e oficinas de arte e informática para os educandos. Diversos educandos, das duas escolas envolvidas, tiveram a oportunidade de participar desse trabalho, que inclui também, e antes de tudo, a sensibilização e capacitação dos educadores e gestores interessados.

Os cursos e oficinas oferecidos foram resultado da aproximação que o Transiarte promoveu entre as duas unidades de ensino. O CEP/ETC abriu seus laboratórios de informática para oferecer aos educandos do CEM 03 os cursos de “Ciberarte I” e “Ciberarte II”.

A construção do projeto foi coletiva e gradual. As diversas etapas do trabalho e os atores envolvidos foram dando contornos mais precisos ao Transiarte. Essa natureza do trabalho foi promovida de forma consciente pelos membros do núcleo gestor do projeto, que evitaram as respostas prontas e deram espaço às várias vozes presentes. Como evidência, destacamos uma fala da educadora da FE, Maria Luíza Angelim, que, à época do início do projeto, destacava três possibilidades sobre o desafio de harmonizar arte, tecnologia, educação e profissionalização:

Temos as hipóteses Transiarte. É preciso que vocês vejam as imagens produzidas pelos educandos daqui, para perceber melhor. No CEP/ETC é outra coisa. Isso pode ser uma pura linguagem de comunicação, para educandos dos 16 aos 60 anos. Assim: (1) Pode ser que Transiarte seja só uma linguagem de comunicação; (2) Pode ser que essa linguagem de comunicação componha um perfil profissional que está aí no mercado, como *Web Design*, isto é, que essa linguagem se encaixa em outros perfis profissionais; (3) Transiarte poderá ser um perfil profissional novo: um trabalhador que vai ser o empregado de alguém, ou um trabalho em economia solidária etc (Angelim, 2008).

As hipóteses, certamente, brotaram dos desafios provocados com a convivência no CEM 03 e ETC. Associados aos elementos supracitados, outro aspecto relevante e desafiante foi considerar os valores e as idiossincrasias relativas à educação de jovens e adultos, ou seja, o Transiarte teve e tem como grande provocação e motivação compreender as questões que envolvem os principais interessados nesse trabalho: jovens e adultos que estão no ambiente escolar.

## 2. Estratégia Metodológica e a Elaboração das Atividades

Toda ação e construção do projeto PROEJA-Transiarte foi embasada pela pesquisa-ação. Trata-se de uma estratégia metodológica de pesquisa participante em que o pesquisador atua como sujeito ativo da pesquisa, propondo intervenção no recorte da realidade trabalhada. A filiação teórica que o grupo utilizou para trabalhar essa estratégia foi a de René

Barbier, autor de obras como: “A Pesquisa-ação – especificações técnicas” e “A Pesquisa-ação na Instituição Educativa”.

Com relação à pesquisa-ação é preciso afirmar que, certamente, estava mais em harmonia com o *ethos* do Transiarte, porque a intervenção foi um aspecto importante do trabalho de pesquisa.

As pesquisas tradicionais, mesmo nas Ciências Humanas, mais explicam do que transformam. Além disso, na pesquisa tradicional, não há o conceito de implicação dos sujeitos, de interferência do sujeito na pesquisa. O que há é o conceito de que o sujeito deve distanciar-se para melhor julgar, com neutralidade, os dados analisados (Reis, 2008).

A opção teórica adotada gerou, em alguns momentos, sentimentos de insegurança nos educadores das escolas envolvidas, como verificado na fala de uma participante que comentou sobre as necessidades que os educadores têm do “(...) roteiro, de um plano de aula e procedimentos metodológicos prontos” (Bonfim)<sup>6</sup>. Segundo a percepção do educador Oséas Pacheco de Oliveira, a resistência do educador era oriunda da incompreensão sobre “o que é Transiarte? Como fazer?” Além disso, segundo o educador, da visão equivocada de que é o educador quem sabe tudo e que torna os educandos, meros receptores.

Os pesquisadores compreendem que esse processo é também resultante do não fortalecimento da pesquisa-ação e da permanência das práticas tradicionais de pesquisa e de ensino presentes tanto nas práticas dos educadores quanto no imaginário dos educandos, gerando, no educador das duas instituições escolares, a invocação por soluções prontas, como manuais, roteiros para o desenvolvimento das atividades e a incompreensão, inicial, de que a pesquisa objetiva um processo de reflexão-ação coletiva e, portanto, há uma imprevisibilidade estratégica por serem os momentos da pesquisa construídos não por etapas rígidas e sim pelas situações que emergem do processo de aprendizagem coletiva.

A proposta dialógica e de construção coletiva do Transiarte esteve presente desde a concepção do projeto. As definições prontas, retiradas dos manuais, foram recusadas diante da opção de uma proposta de aprendizagem coletiva na qual os atores, inclusive os educandos, tinham voz e eram ouvidos no processo e, portanto, ativos na dinâmica do desenho dessa proposta de educação, pesquisa-ação.

“Se a aprendizagem é colaborativa o processo é o mais importante. A transformação do sujeito é que é importante” (Angelim, 2009).

A linha metodológica da pesquisa recebeu críticas entre o meio acadêmico, manifestadas no Encontro realizado em Goiânia no ano de 2009. Lá ficaram evidentes as preferências por procedimentos metodológicos distintos daqueles realizados no Distrito Federal. Para os pesquisadores da UnB a reação manifestada pela academia no Encontro de Goiânia expressa uma divergência sobre o ato de pesquisar existente entre as instituições, pois, segundo o relato dos participantes da equipe Transiarte, as demais pesquisas apresentavam

---

6. Joelma Bonfim. Atuou na Secretaria de Ciência e Tecnologia, quando as escolas técnicas permaneceram a ela vinculadas.

opções de análises e coleta de dados mais convencionais, embora com referenciais teóricos e procedimentos metodológicos expressivos, como é o caso das entrevistas em profundidade respaldadas em Pièrre Bourdieu.

Os participantes do PROEJA-Transiarte avaliam que essa divergência não significa uma limitação no trabalho realizado pela UnB e apenas reflete a necessidade de aprofundamento, por parte dos integrantes do projeto, da opção teórico-metodológica da pesquisa para que fique claro que o referencial eleito conduza os caminhos da pesquisa a um processo contínuo de ação coletiva e reflexão/ação. Sobre esse aspecto a educadora Maria Luiza Pereira Angelim destaca que,

*Precisamos saber que maneiras e formas a gente tem para fazer essa prática de pesquisa-ação. Como trabalhar com a metodologia do sujeito coletivo de pesquisa. A escuta é necessária para fazer acontecer o projeto. A reflexão é importante para escudar o projeto, para termos claro o que estamos fazendo (Angelim, 2009).*

Os educadores da UnB destacam ainda que a pesquisa realizada em Ceilândia busca tornar todos os educadores envolvidos em educadores/pesquisadores e assim romper com “(...) essa concepção tradicional de trabalho. Pesquisa lá, operacionaliza aqui”, além de afirmar que: “(...) Deixamos claro que a UnB não vinha com questionários para coleta de dados” (Angelim, 2009).

Ainda sobre as reflexões a respeito da proposta metodológica utilizada, o educador Renato Hilário declara que,

A natureza da pesquisa-ação pressupõe a construção coletiva. Fazer e escrever juntos. Independente de ser um desafio ou não. Nós fazemos o caminho, caminhando. (...) A pesquisa-ação se faz nesse fazendo. O fato de a gente pegar os livros, e saber os livros de memória, não nos faz pesquisadores-ação. Temos que, ao fazer, experimentar e experienciar. Escrever o que estamos fazendo como ato político. Academia significa todos nós aqui, os dirigentes também e a UnB. Com esta avaliação, temos a chance de um salto, experienciando e escrevendo esta caminhada: ação como escrita e a escrita como sistema de investigação. (Reis, 2009).

Para os pesquisadores, os integrantes do projeto devem ter clareza de que a pesquisa busca uma construção coletiva que recusa a ação de apenas compreender ou descrever um objeto estudado e, ao realizar um projeto centrado na ação/reflexão/ação conjunta de todos os participantes da pesquisa, permite que todas as perspectivas, compreensões e vozes dos diversos sujeitos e atores sociais se façam presentes, evitando assim que o espaço e os discursos acadêmicos apresentem-se predominantes sobre os demais.

Os procedimentos adotados para a realização dos trabalhos do projeto PROEJA-Transiarte se iniciaram tomando como base três momentos distintos: sensibilização dos educadores e gestores, oficinas com os educadores e oficinas com os educandos. Isto porque a proposta era fazer o Transiarte tornar-se uma linguagem inserida no currículo e vinculada

às disciplinas da escola. O lócus da execução dessa primeira etapa do trabalho foi o CEM 03 e, posteriormente, a ETC/CEP.

O primeiro momento – sensibilização dos educadores – buscou apresentar o projeto e estimular a participação dos educadores, com ideias, propostas de trabalho e absorção do conteúdo do Transarte nas disciplinas. Nessa etapa, a equipe do projeto realizou diversos encontros com o grupo nos três turnos do CEM 03. A proposta inicial era, em conjunto com os educadores, integrar o projeto às disciplinas da EJA.

O segundo momento – oficinas com os educadores – tinha como objetivo refletir coletivamente sobre o diálogo entre a linguagem da arte e da tecnologia e as disciplinas específicas. O Transarte buscava escapar de uma proposta fechada e conteudista e se propunha a ser uma construção coletiva singular que dialogava com as particularidades de cada área do saber e valorizava a experiência e a receptividade de cada educador. “O PROEJA-Transarte, além de já fazer parte do projeto político pedagógico do CEM 03, passa agora a fazer parte do conteúdo de disciplinas, utilizando a grade horária em andamento” (TRANSARTE, 26 de agosto de 2008)<sup>7</sup>.

Finalmente, a etapa das oficinas com os educandos ocorreu no âmbito das disciplinas e somente foi possível por causa das duas etapas anteriores que criaram a condição de mobilização e construção de conteúdo para o envolvimento dos educandos. As oficinas eram propostas práticas de trabalhar arte e tecnologia por meio de temáticas do universo dos educandos envolvidos. Vídeos, dublagens, animações, colagem de imagens e montagens foram alguns dos exercícios realizados durante as oficinas.

O educador da FE, Renato Hilário, comentou que o ano de 2008 foi o período de trabalhar a Transarte como experiência em nível disciplinar, incorporando essa linguagem em sala de aula e que, posteriormente, era necessário trabalhá-la em nível macro, assumindo uma ótica mais orgânica.

Nos anos de 2009 e 2010, o projeto mais amadurecido, amplia sua proposta para a integração das duas instituições CEP/ETC e CEM 03, ambas em Ceilândia/DF. Como exemplo, podemos citar o caso do primeiro curso do projeto ofertado em termos de buscar profissionalização: o “Ciberarte I”. Os educandos do 2º segmento e do primeiro semestre e do 3º segmento da EJA do CEM 03, com mais de 18 anos, tiveram a oportunidade de participar do “Ciberarte I”, oferecido pela ETC, sendo a contribuição do CEP/ETC decisiva no desenvolvimento das atividades do Transarte.

O curso teve carga horária de 80 horas/aulas, divididas em 13 semanas. O objetivo era que o educando, ao final, tivesse a certificação de formação inicial e a profissionalização de 80 horas e, assim, articulasse a formação básica com a profissional. Nesse sentido, o Transarte ficou independente das disciplinas. Ou seja, saiu do âmbito específico de cada educador em sua disciplina e tornou-se mais complexo e autônomo.

---

7. Registro das reuniões da equipe da pesquisa-ação na UNB.

O grupo, ao refletir sobre o processo de construção do Transiarte, considerou que essa experiência com o curso do CEP/ETC era um embrião por ser uma iniciativa que daria novos rumos ao trabalho, fato que concretizou-se com a oferta dos cursos “Ciberarte I e II”, posteriormente denominados de Introdução a Arte digital e Fotografia Digital, embora persistindo a interrupção<sup>8</sup> do percurso escolar uma característica da modalidade da educação de jovens e adultos que se apresenta como idas e vindas dos educandos. A proposta de trabalho fundamentou-se na concepção freireana de educação libertadora e no conceito de Transiarte – a arte como transição entre a cultura popular e os espaços virtuais e, segundo o educador da FE/UnB, Lúcio Teles, atuou como um mecanismo de inclusão digital mediante a realização das atividades feitas no curso “Ciberarte I” – na ETC/CEP – que teve caráter introdutório “devido à exclusão digital a qual estão submetidos alguns educandos” (Teles, 2009).

Os cursos “Ciberarte I e II” promoveram aos participantes uma inserção ao universo da tecnologia e da construção coletiva diante da aquisição, inicialmente, de conhecimentos básicos da informática, tais como ligar/desligar adequadamente os microcomputadores, identificar o sistema periférico (cabos e fios), assim como utilizar o menu de navegação, as ferramentas de busca de *site*, criação de *e-mails*, elementos esses essenciais para a continuidade das atividades no curso seguinte denominado “Ciberarte II”, onde puderam conhecer sobre seleção, edição, manipulação de imagens, construção de objetos em 2D e 3D, conhecimentos que possibilitaram a construção coletiva do que foi discutido nas oficinas do Transiarte (estes procedimentos estão mais aprofundados no capítulo X).

No processo de construção do trabalho a prática e a teoria constituíram-se em um único processo e os procedimentos metodológicos para a construção do trabalho tiveram a escuta como um processo fundamental para garantir a história de vida dos educandos da EJA envolvidos no projeto. Essa percepção pode ser visualizada na fala de uma educadora que afirmou: “O processo sensível, de escuta, parte da história de vida de cada educando, dentro do interesse de cada um de participar. Uma estratégia metodológica pelos que ministram o curso” (Sales, 2009)<sup>9</sup>.

Nos contatos iniciais dos educandos no curso “Ciberarte I”, eles afirmaram que a possibilidade de aprender informática os motivou a participar do projeto, pois acreditavam que assim obteriam qualificação profissional.

Essa afirmação evidenciou-se na fala de um educando de 18 anos durante as atividades do *Ciberarte*, em 2009, que declarou querer “aprender um pouco mais sobre informática, para arrumar trabalho”. Essa informação sobre a motivação em participar do projeto

8. Para a Doutora Maria José Barbosa, professora do Centro de Educação de Jovens e Adultos Paulo Freire – Fortaleza-CE, ligada ao Núcleo de Avaliação Educação – NAVE do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFC. É preciso resignificar a evasão na EJA, mudar a visão de abandono voluntário e irresponsável para uma interrupção forçada dos estudos dos jovens e adultos, considerando que eles mesmos, por sua história de vida, possuem interesses variados e necessidades que muitas vezes correspondem a sua sobrevivência.

9. Márcia Castilho de Sales, educadora/gestora CEP/ETC no início do projeto. A partir de Janeiro de 2011 assumiu a direção da escola.



demonstra que eles compreendiam as atividades propostas como mais uma forma tradicional de qualificação profissional, percepção que depois se altera ao afirmarem “(...) foi tudo novo, porque eu não sei, eu nem sabia fazer vídeo, essas coisas, mexer com massinha, elaborar esses vídeos, é diferente, é isso” (Liliane)<sup>10</sup>.

A percepção apresentada pela educanda é resultado do desenvolvimento das atividades promovidas pelos mestrandos que atuaram na equipe Transiarte com ações diferenciadas do modelo convencional de formação, ao conduzirem as reflexões dos educandos à realidade cotidiana dos próprios sujeitos do CEM 03. Esse exercício suscitou nos educandos o interesse por temas ligados tanto aos problemas referentes ao universo escolar quanto aos outros meios sociais em que estavam inseridos, fazendo assim aflorar discussões ligadas, principalmente, ao sentimento de discriminação nas suas mais diversas formas.

Embora as temáticas iniciais surgidas nas rodas de debates, realizadas durante as oficinas do Transiarte, apresentassem inicialmente manifestações negativas sobre a realidade dos educandos da EJA, os grupos, orientados pela equipe Transiarte, refletiram também sobre as alternativas de superação da situação vivenciada e a valorização dos aspectos positivos encontrados em suas coletividades, afirmação que se evidencia na fala de uma integrante do projeto ao declarar que “é um conhecimento da *internet*, e também não só da *internet* como também que você tem conhecimento sobre várias coisas, inclusive do mundo todo, como lidar com as pessoas, por exemplo, isso, é um aprendizado de vida” (Liliane).

Quanto ao aspecto prático das atividades, os educandos conheceram também sobre a composição básica de vídeos e entenderam o porquê da escolha dos temas a partir de um problema gerador. Assim como obtiveram informações a respeito da importância do roteiro, do planejamento das atividades, da elaboração artística necessária (personagens, fotografia, cenário, trilha sonora etc.) e, finalmente, a montagem e edição do produto. Esse processo pode ser visualizado na seguinte fala: “as atividades artísticas são essas de moldar as massinhas, por exemplo. Depois vem a edição no computador. Na montagem do vídeo, a gente também pode restaurar uma foto velha (Photoshop)” (Zim, 2009)<sup>11</sup>.

O desenvolvimento das atividades possibilitou aos educandos do CEM-03 a percepção de novas formas de aprendizagem além das práticas individuais, permitindo a compreensão da importância da construção coletiva, como afirmou a educanda do CEM 03, Renata,

*(...) tem diferença, o aprendizado, assim, que a gente aprendeu na prática, fazendo, buscando o conhecimento, trocando conhecimento um do outro, eu achei até que a gente teve mais diálogo, até com os mesmos que a gente não tinha tanto contato, quando a gente chegava ao transiarte e tinha, né, troca de conhecimento, isso ali que a gente juntava tudo e foi formando uma coisa legal” (Renata).*

10. Educanda do Centro de Ensino Médio 03 de Ceilândia.

11. Educanda/educadora do PPGE/UNB.

### 3. Os Frutos do Projeto PROEJA-Transiarte

Do projeto desenvolvido resultaram produções tanto dos educados da EJA quanto dos pós-graduandos e educadores do Programa de Pós-graduação da FE/UnB.

Os resultados das atividades produzidas pelos educandos do CEM 03 foram postados no seguinte endereço: <[www.proejatransiarte.ifg.edu.br](http://www.proejatransiarte.ifg.edu.br)>, onde se encontram os vídeos realizados tanto nas oficinas do Transiarte quanto no curso de Introdução à Arte Digital no CEP/ETC. No sítio/site há onze trabalhos gerados pelos educandos que tratam de temas que vão dos efeitos trágicos das drogas aos confrontos familiares e juvenis. Como também da percepção dos educandos sobre aspectos ambientais, históricos e culturais presentes em seus universos sociais.

Das produções, frutos do projeto, destacam-se os vídeos Tribus e Encontro de Gerações, a questão do Lixo na escola realizados nas oficinas do Transiarte e a produção em vídeo Cidade Viva, feita no curso de Introdução à Arte Digital no CEP/ETC.

O vídeo Tribus é uma animação *stopmotion* – técnica de animação na qual se trabalha fotografando objetos (fotogramas) um a um, ou seja, quadro a quadro e alternando suavemente as posições para criar a ilusão de movimento – produzida com fotomontagem durante a Semana Cultural do CEM 3, em maio de 2008, pelos educandos da instituição, juntamente com a grupo de pesquisa Transiarte.

Os educandos apresentaram no vídeo os personagens escolhidos após discussões realizadas nos círculos de debates e retrataram os diversos sujeitos sociais representativos da diversidade cultural vivida por eles e que, no entendimento do grupo, uma parcela significativa da sociedade apresenta posturas preconceituosas com relação a alguns personagens apresentados, devido à opção por estilos de roupas, música e comportamentos.

No vídeo, o personagem principal – Ed – é apontado como alguém feliz e em seguida é lançado o questionamento: Mas, qual é a tribo dele? No desenrolar da história Ed tem contato com outros sete personagens – a roqueira, o skatista, a patricinha, o reaggeiro, a funkeira, o emo e a nerd. O encontro dessa diversidade cultural é caracterizado pelas vestimentas e pelos estilos musicais que compõem a trilha sonora usada para caracterizar os personagens. Ao final todos estão juntos no último quadro apresentado e finalizado com a mensagem sobre o poder da coletividade, com a frase: “Ninguém de nós é tão bom, quanto todos nós juntos”.

Já o Vídeo/animação História Vivida, História Escrita<sup>12</sup> tem como ponto central a reflexão entre a história vivida e a história escrita. O vídeo é iniciado com as reflexões do educador Oséas sobre as especificidades do ensino de História na EJA diante da existência de faixas etárias distintas nas classes e de conhecimentos diferenciados sobre os fatos históricos. A percepção do educador pode ser explicitada com o seguinte relato: “Trabalhar com história na EJA é uma situação difícil, mas ao mesmo tempo desafiadora e interessante também, porque trabalhamos com pessoas que têm visão de mundo e de tempo bastante diferentes” (Pacheco).

---

12. O vídeo pode ser acessado no endereço <<http://www.proejatransiarte.ifg.edu.br/videos>>.

No desenvolvimento restante do vídeo a afirmação acima apresentada torna-se compreensível, com o relato de Altino, educando da 8ª série da EJA, que foi entrevistado e relata a sua experiência de trabalhador nordestino recém chegado a Brasília, assim como seu olhar sobre o período ditatorial. Esse vídeo faz parte da mesma oficina que teve como uma de suas produções o encontro de gerações.

No que se refere à produção dos vídeos, os educandos utilizaram as técnicas de entrevista e fotomontagem que, juntamente com a trilha sonora, buscaram representar a inserção do sujeito no processo histórico de seu tempo ao relacionar o relato do entrevistado Altino sobre a vinda dos nordestinos para a construção da nova capital federal brasileira à imagem do pau-de-arara – transporte coletivo usado na condução dos trabalhadores nordestinos à capital federal –, com as primeiras imagens da construção de Brasília e da moradia do trabalhador residente na Ceilândia daquele período.

Já os vídeos, A Questão do Lixo na Escola, realizado no CEM 03 e Cidade Viva realizado na ETC/CEP foram produzidos mediante o uso das técnicas de filmagem, desenho e fotografias. Aquele produzido juntamente com a equipe Transarte teve seu tema construído inicialmente a partir de uma abordagem geral, tendo o aquecimento global como primeira ideia e, posteriormente, transformado em um tema mais específico ao tratar da questão do lixo na escola e sua relação com o meio ambiente. Quanto ao vídeo Cidade Viva, fruto do curso Introdução à Arte Digital realizado no CEP/ETC, inicia sua abordagem a partir dos anseios da juventude da cidade por trabalho e pela descoberta das possibilidades de crescimento pessoal dentro da própria comunidade e a conseqüente valorização de Ceilândia, gerando no personagem um sentimento positivo de pertencimento à comunidade e busca pela escolaridade e qualificação profissional (Rodrigues,2010)<sup>13</sup>.

O projeto obteve também experiências que não refletiram práticas pedagógicas significativas. Como exemplo, podemos citar as atividades de redublagem de vídeos retirados do *sítio/site* <[www.youtube.com.br](http://www.youtube.com.br)>, onde os educandos apresentaram o conteúdo da disciplina de Física sobre receptores, medidores e campos elétricos.

Na avaliação dos integrantes da pesquisa, os vídeos de redublagem não apresentaram inovações pedagógicas, visto que a atividade não ultrapassou a prática tradicional de ensino sendo esse processo resultante, em parte, da formação positivista de alguns educadores que priorizam a demonstração de domínio de conteúdo, ao invés de uma nova percepção de aprendizagem em que o educando seja sujeito ativo de seu processo de construção do conhecimento.

Sobre a avaliação dos vídeos de redublagem, Aline – à época da pesquisa, mestranda participante do projeto – afirmou que, embora “a experiência tenha sido importante como vivência de uma nova linguagem, não ocorreu a aprendizagem do conteúdo proposto pelo educador de Física, assim como a equipe Transarte, nesse contexto, não conseguiu o currículo de forma criativa nem libertadora” (Zim, 2009).

---

13. Os vídeos citados podem ser acessados no endereço <<http://www.proejatransarte.ifg.edu.br/videos>>.

Acerca da importância da atuação do educador na orientação das atividades do educando que superem as práticas tradicionais de ensino, a educadora Maria Luiza Pereira Angelim afirmou que o corpo dos educadores deve buscar estabelecer uma ruptura com esses modelos e “intervir mais a partir do senso comum, por meio de uma linguagem de significado e sentido.” Complementou ainda afirmando que “a maior dificuldade é do ponto de vista pedagógico do educador: não é o currículo, é o educador como sujeito” (Angelim, 2009).

A presença das práticas tradicionais de ensino de fato se faziam presentes no CEM-03 e demonstram a resistência na ruptura desse padrão de ensino mesmo com o desenvolvimento de uma proposta coletiva de trabalho. Essa resistência tornava-se mais presente no processo avaliativo, onde fica evidenciada a fragilidade do educador quanto à mensuração dos resultados da aprendizagem. Na fala do educador Oseás Pacheco Oliveira a,

A avaliação foi um fantasma que me perseguiu durante quase todo o processo de trabalhar com o transiarte. Vim me decidir por uma forma de avaliação no final do projeto, que aí cheguei à conclusão que eu deveria abandonar as formas tradicionais de pontuação, enfim, e de qualquer forma teria que me firmar em algo que fosse documentado do ponto de vista de registro. (...) Então, no final do curso, eu optei também por aplicar uma prova tradicional para que fosse documentado o percurso do educando e não ficar apenas com o produto final que foi realizado no transiarte (Oliveira, 2010).

Sobre essa questão, os educadores da UnB, compreendem que é necessário o desenvolvimento de um currículo criativo e de novas dinâmicas para a realização dos trabalhos, pois percebem que os educandos também apresentam preocupações quanto aos prazos das atividades e, conseqüentemente, com a avaliação. A educadora Maria Luiza Pereira Angelim destacou que

*“os educandos da EJA não sabem a escola que querem, pois a EJA não é construída como sujeito coletivo por ainda manter o foco na escola e não no educando e, dessa forma, reforça o distanciamento da realidade de vida do educando e dos seus desejos” (Angelim, 2009).*

Quanto à produção acadêmica resultante do Projeto destacam-se as dissertações e teses realizadas pelos educandos do programa de Pós-graduação das linhas de pesquisa envolvidas no projeto; além dos trabalhos acadêmicos apresentados – artigos e pôsteres – em eventos da área de educação.

Como resultado da produção acadêmica dos pós-graduandos da FE/UnB destacam-se as dissertações: Projeto Proeja/Transiarte: uma experiência de pesquisa-ação em *Ciberarte*; Arte, Educação, e Narrativa no Proeja-Transiarte – Ensaio e Fragmentos; Cultura tecnológica, juventude e educação: representações de jovens e adultos sobre inclusão educacional mediada pelas tecnologias, de Dorisdei Valente Rodrigues, Aline Stefânia Zim e Fausta Porto Couto, respectivamente. Além das pesquisas em andamento na fase de conclusão desse texto.

Quanto à participação em eventos acadêmicos nacionais e internacionais da área, os pesquisadores produziram 18 comunicações orais e 4 pôsteres, onde foram apresentadas reflexões acerca da experiência do grupo com a proposta de pesquisa-ação, a construção de um itinerário formativo para EJA mediante ações coletivas, reflexões sobre o Ensino Médio Integrado, inclusão digital, arte, linguagem, estética e tecnologia.

#### 4. Avaliando o Subprojeto PROEJA-Transiarte: Percepções dos Sujeitos e Dificuldades Vividas

Para realizar uma avaliação das atividades, o grupo de pesquisa da UnB propôs uma reunião para refletir com os educadores e gestor do CEM 03 e da ETC/CEP a experiência vivenciada.

Na avaliação dos educadores, tanto da ETC/CEP quanto do CEM 03, o projeto trouxe contribuições para as instituições. Para o educador Oséas Pacheco, a construção da proposta foi realizada coletivamente ao longo do processo. Afirmou ter encontrado inicialmente algumas dificuldades, apresentando a questão da diversidade de idade, conhecimento e opiniões como uma questão fundamental a ser administrada. Porém, destacou que, superados esses obstáculos, a integração entre os educandos foi um ponto positivo, possibilitando aos mesmos a oportunidade de “tomar consciência de que, como ser humano e como educando de EJA, fazem e constroem história em sala de aula” (Pacheco, 2009)<sup>14</sup>. Em reunião posterior, o mesmo educador, ao relatar sua experiência como educador que atuou no projeto afirmou:

*(...) eu não estava entendendo bem. Agora sei que a ideia é de um casamento que pode vir a crescer e dar o resultado que está sendo colocado aqui. Gostaria de falar para vocês a nossa experiência, o resultado final desse trabalho: houve um crescimento importante, positivo, da 8ª série, basicamente da turma como um todo, crescimento na relação dos colegas (velhos e novos), crescimento da autoestima, melhor relação com os educadores, com a escola. No caso de História, com o PROEJA-Transiarte, fizemos um vídeo sobre o tema da construção de Brasília e caminhamos na imagem e na internet. Experiência ainda pequena e única. Neste semestre, partimos de outro formato. Ainda não temos o resultado desse novo formato. Conversando com os educandos participantes observei que estão interessados, perguntando: “Vai continuar?” E isso é, com certeza, positivo (Oliveira, 2009).*

14. As etapas da oficina de transiarte e a pesquisa-ação na turma identificada pelo educador fazem parte da dissertação de RODRIGUES.V.D. O projeto proeja-transiarte: uma experiência de pesquisa ação em *ciberarte*. 2009. Disponível em <[http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/8657/1/2009\\_DorisdeiValenteRodrigues.pdf](http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/8657/1/2009_DorisdeiValenteRodrigues.pdf)>.

Na percepção dos educadores da EJA, o projeto promoveu também uma nova percepção na relação educadores *versus* educandos, sobre esse aspecto destacamos:

Basicamente tudo é novidade porque, em princípio, antes de vir, de chegar a ideia para a gente eu não imaginava a possibilidade de você poder variar a forma, poder variar o seu contato com o educando, isso tudo foi novidade. Inclusive a novidade de você abrir mão da presunção de dirigir o processo pedagógico em sala de aula. Fica mais claro que é possível mesmo você aprender enquanto está ensinando, trocar experiências, trocar informações, então isso foi novidade (Rômulo)<sup>15</sup>.

O educador ainda complementa suas percepções reconhecendo que sua prática pedagógica e formação acadêmica são frutos de um contexto histórico que impossibilitou a construção coletiva ao afirmar: “(...) tenho dificuldade de trabalhar com coletivo, inclusive pela minha formação. Acho até que a minha geração, depois do fim da ditadura militar, a minha geração não foi trabalhada para isso” (Rômulo).

Para a direção do CEM 03, antes do início das atividades do Projeto Transiarte, o laboratório de informática era subutilizado, mesmo diante da oferta de cursos de informática aos sábados. Já na ETC/CEP houve, segundo a direção, uma adaptação da unidade escolar ao projeto com a oferta do curso de Introdução à *Ciberarte*, uma vez que esse curso não existia anteriormente.

Quanto ao processo de desenvolvimento do trabalho, o grupo percebeu algumas dificuldades no encaminhamento do projeto, tais como: a necessidade de maior participação dos educadores no Transiarte; as limitações instrumentais existentes nas instituições; e as relações entre os sujeitos.

Sobre as ponderações referentes às dificuldades vivenciadas pelo grupo, a equipe do projeto compreendeu que parte dos educadores das instituições envolvidas precisava de roteiros prontos para realização das atividades. Essa necessidade resultava da carência de reflexão conjunta por parte dos educadores envolvidos sobre os resultados pedagógicos que abarcam o processo de ensino/aprendizagem e, dessa forma, a pesquisa-ação tornou-se impactante tanto para os educadores quanto para os educandos das escolas participantes da pesquisa.

Diante da dificuldade acima relatada, Aline ressaltou a importância de que a “atenção à proposta de construção coletiva fosse realizada conjuntamente pelas três instituições envolvidas” (Zim, 2009). Compreensão essa anteriormente percebida pela educadora Rita Carolina Vereza Bruzzi ao afirmar que “é necessária a participação do corpo educador no Transiarte” (Bruzzi, 2009)<sup>16</sup>.

Dentre os desafios encontrados, podemos apontar também a reorganização dos laboratórios no CEM 03, para que o *layout* estivesse coerente com a proposta metodológica

---

15. Educador do CEM 03 Ceilândia.

16. Educadora da Faculdade de Educação e do Departamento de Métodos e Técnicas, que se integrou à pesquisa em 2009.

adotada – optou-se por uma dinâmica dialógica – que era incompatível com a estrutura tradicional de educandos enfileirados em carteiras. Sobre as diferenças entre essas concepções a educadora Maria Luiza Pereira Angelim afirmou: “Isso é importante porque amanhã ninguém vai saber que o espaço tem a ver com a proposta pedagógica, que o espaço é expressão pedagógica” (Angelim, 2009).

No que concerne as atividades desenvolvidas no *Ciberarte*, o projeto vivenciou algumas dificuldades quanto à carência de materiais básicos para a realização das atividades como, por exemplo, a falta de equipamentos, reduzida velocidade da *internet*, além da existência de educandos com níveis diferenciados de conhecimento quanto à informática, além da baixa frequência desses, necessitando que a equipe realizasse práticas constantes de resgate dos educandos junto ao CEM 03.

Em âmbito pedagógico, a equipe da UnB avaliou que algumas dificuldades apresentadas pelos educandos envolvidos no projeto eram decorrentes mais de dificuldades de leitura e interpretação das informações que surgiam na tela do computador e revelavam as limitações na formação geral dos educandos da EJA. Sobre esse aspecto o educador Renato Hilário observou: “Eles têm dificuldades de ler, compreender e interpretar. A dificuldade do 2º segmento” (Reis, 2009). Essa observação foi reforçada com a declaração de Dorisdei: “Os educandos deixam de fazer muita coisa por medo de errar, de fechar algum programa. Eles não leem a janela que aparece. Chamam a gente. E nós fazemos com eles, às vezes seguramos até nas mãos em um primeiro momento só para dar segurança aí, e percebemos a progressão com as técnicas” (Rodrigues, 2010)<sup>17</sup>.

Sobre a questão acima, a educadora Maria Luiza afirmou que era necessário entender que o curso “Ciberarte I” “não se constitui em um nivelamento, mas em um instrumento de aprendizagem para a superação de dificuldades” (Angelim, 2009), e complementou destacando a importância da compreensão do tempo de aprendizagem dos educandos, pois há a necessidade de buscar um equilíbrio entre as etapas/processos de aprendizagem dos diferentes educandos.

Dentre as dificuldades vividas pelos pesquisadores podemos apontar a construção da proposta de currículo integrado – PROEJA – no Distrito Federal como a maior resistência apresentada no percurso da pesquisa e que são reveladas nas ausências do educador, principalmente no CEM 03, quando convidado para a discussão com as instituições envolvidas na construção da proposta do currículo integrado.

Desde os primeiros encontros promovidos pelos pesquisadores da UnB, os educadores do CEM 03 demonstraram preocupações quanto à proposta. Os poucos educadores presentes questionavam como ocorreria a integração curricular, se seria com todas as turmas ou se construiriam um projeto piloto. Diante das indagações houve a opção pela segunda proposta, mas mesmo assim, ao final do primeiro semestre de 2010, não ocorreram avanços quanto à elaboração da proposta de integração curricular.

---

17. Educadora da SEDF e aluna do Mestrado, cuja dissertação versou sobre o Transiarte.

A resistência manifestada pelos educadores pode ser compreendida também como resultado das mudanças ocorridas na gestão do CEM 03, desde o afastamento do diretor eleito democraticamente e o conseqüente processo de intervenção vivido pela escola. Essas rupturas na gestão da escola podem ser apontadas como uma das responsáveis pela reação do educador diante da proposta de integração curricular.

Na busca pela construção da integração curricular a equipe de pesquisadores da UnB manteve o compromisso com a construção coletiva e buscou sempre a aproximação das direções das duas escolas que atuam no Projeto Transarte para que, conjuntamente com os educadores, elaborassem a proposta de currículo integrado.

As primeiras ações propostas pelos pesquisadores visavam a elaboração de uma agenda de trabalho em que pudessem desenvolver atividades de sensibilização do educador, de formação de educadores e educandos tanto do CEM 03 quanto da ETC/CEP.

Nessa etapa de sensibilização foram realizados encontros para apresentar a organização da EP na EJA, as regulamentações legais do PROEJA. Assim como as modalidades e possibilidades de oferta. No entanto, ainda, sem a presença expressiva dos educadores, sendo que os poucos presentes foram motivados a “construir algo mais concreto, a partir do envolvimento dos educadores mais comprometidos, para apresentar aos demais educadores da escola” (Sales, 2010).

A compreensão de que a elaboração de uma proposta é um caminho para a adesão de mais educadores é reforçada pela percepção de que convencer verbalmente os educadores não mostra resultados, que “a partir da nossa construção concreta outros poderão se interessar” (Lemos, 2010)<sup>18</sup>.

O projeto prosseguiu ao longo do segundo semestre de 2010 na busca da integração das duas escolas. Nesse período, novas mudanças na estrutura da Secretaria de Educação ocorreram resultando na acomodação política na estrutura de governo, em decorrência da Operação Caixa de Pandora da Polícia Federal, que afastou o então governador José Roberto Arruda. Além do afastamento do governador eleito, o Governo do Distrito Federal teve três governadores naquele ano, a saber, o próprio vice-governador, Paulo Octávio, que veio a renunciar nos primeiros meses de 2010, o então presidente da Câmara Legislativa, Wilson Lima, que assumiu o governo em fevereiro e posteriormente em eleição indireta, em abril de 2010, elegeu-se Rogério Rosso. Essas mudanças afetaram a equipe de dirigentes da Secretaria de Educação. Uma das mudanças ocorridas foi o retorno à Secretaria de Educação das três escolas técnicas. A mudança ocorreu em junho de 2010 e reagrupou as escolas no formato em que o projeto havia iniciado.

Essa mudança, entretanto, não foi imediata e quando se iniciava uma rearticulação do projeto com as escolas e com a nova equipe dirigente da Secretaria de Educação, a demissão, em setembro de 2010, do Secretário de Educação, que havia assumido em abril e

---

18. Julieta Borges Lemos é técnica em Assuntos Educacionais do MEC, da diretoria da SETEC que trata do PROEJA, aluna do PPG/UnB, onde desenvolveu sua pesquisa sob orientação de Renato Hilário dos Reis.



havia sido o responsável pelo reagrupamento das escolas, novamente colocou o processo de discussão em compasso de espera. Todas essas alterações, como as descritas anteriormente, tiveram impacto no dia a dia da escola. A possibilidade de um envolvimento maior da Secretaria da Educação sempre animou os envolvidos na escola uma vez que era importante garantir a estabilidade necessária para a organização, por exemplo, da discussão do currículo, da expansão da educação profissional, entre outras.

Mesmo como esses movimentos, o projeto buscou assegurar o envolvimento do Conselho Escolar, particularmente no final de 2010, quando se preparava uma nova equipe para dirigir a Secretaria de Educação, fruto da eleição do novo governador Agnelo Queiroz. Uma reunião do Conselho Escolar com a presença das duas escolas definiu a continuidade do projeto em 2011.

Segundo os registros das reuniões de 2010, até o encerramento do primeiro semestre não houve uma resposta positiva quanto a elaboração da proposta curricular. Diversas foram as tentativas de diálogo, assim como distintas foram as expressões de resistência por parte dos educadores do CEM-03. A oposição dos educadores pôde ser percebida diante das justificativas de envolvimento com as exigências burocráticas de encerramento do semestre letivo, aplicação de provas, fechamento de notas e até mesmo diante da afirmação: “só temos 15 minutos” proferida pelos educadores do CEM 03 diante de mais um convite para participarem de uma reunião sobre o PROEJA.

O diferencial do Projeto PROEJA-TransiarTE foi o trabalho coletivo que buscou desenvolver nos educandos ações cooperativas em vez de competitivas, sendo esse elemento hoje fundamental para a reflexão sobre a importância da formação geral dos trabalhadores, uma vez que “hoje não se contrata só o saber fazer. É preciso o saber ser, o saber sugerir. As chaves são os comportamentos, as habilidades e as atitudes” (Castioni, 2010).

## **5. Algumas Considerações**

O PROEJA-TransiarTE demonstra os múltiplos desafios a serem enfrentados para que a integração entre EJA e EP seja efetivada no Distrito Federal. Definimos os obstáculos como diversos por compreendermos que eles não se limitam apenas às decisões governamentais, mas também a práticas educativas internalizadas no cenário educativo.

A fase de institucionalização do Projeto representou a confrontação de concepções distintas sobre a condução de políticas educativas voltadas tanto para a EJA quanto para a EP, onde de um lado se encontravam os interesses de grupos privados que compreendem o processo educativo como produto de comercialização, justificando assim a opção pela concessão de bolsas de estudos como possibilidade de profissionalização, em vez do fortalecimento da educação pública.

No universo das escolas podemos apontar a persistência da educação tradicional como um dos mais significativos obstáculos vivenciados pelos pesquisadores durante a realização do projeto. A existência, mesmo que sutil, de práticas educativas tradicionais – re-

veladas mais frequentemente quanto ao processo avaliativo dos educandos – pode ser apontada como resultante da formação de parte dos educadores. Assim como do poder do discurso hegemônico que naturaliza e impõe ações burocráticas que dificultam propostas de educação opostas. Esse aspecto pode ser percebido no relato de alguns educadores que afirmaram que a preocupação com conteúdo e prazos era presente também nos educandos.

No entanto, os relatos demonstram que a percepção sobre o fazer educativo se altera a partir do desenvolvimento do projeto e pode ser apontada como consequência do aspecto dialógico das ações e da própria concepção metodológica adotada. Os resultados mais evidentes foram a socialização e o respeito à diversidade, resultando na partilha de saberes entre os educandos da EJA. Aquela foi por diversas vezes apontada como significativa tanto pelos educadores quanto pelos educandos, já o respeito às diferenças pode ser percebido na produção do vídeo Tribus como expressão da percepção dos educandos da EJA sobre as particularidades dos sujeitos sociais.

Por fim, o Projeto PROEJA-Transiarte representou a compreensão de que a EJA não se restringe a uma oferta precária de escolarização às classes populares e que a profissionalização dos educandos dessa modalidade pode ultrapassar a concepção de formação instrumental de futuros trabalhadores.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CASTIONI, Remi & REIS, Renato Hilário dos. (2009). EJA e educação profissional no Distrito Federal: integrando escolas e construindo a política pública. V Simpósio Internacional - O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente. Uberlândia: FACE-UFU. Dezembro.

COUTO, Fausta Porto. (2011). Cultura Tecnológica, Juventude e Educação: representações de jovens e adultos sobre inclusão educacional mediada pelas tecnologias. (Dissertação de Mestrado). UnB/PPGE.

PROEJA-Transiarte. (2007/2010). Registro das reuniões do Projeto PROEJA-Transiarte. Mimeo.

RODRIGUES, D.V. (2010). O Projeto Proeja-Transiarte: uma experiência de pesquisa-ação em Ciberarte. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Brasília: Universidade de Brasília.

ZIM, A.S. (2010). Arte, Educação e Narrativa no Proeja-Transiarte: Ensaios e Fragmentos. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Brasília: Universidade de Brasília.